



Aparecida Vines

Entre ingás e framboesas

uma história de amor,
coragem e esperança



Editora Penalux
Guaratinguetá, 2022



Música do Sertão

Jamais me esqueço do dia em que, cantando, fiz minha mãe se emocionar: meu primeiro dia de escola. Após o almoço, terminados os exercícios de coordenação motora da cartilha, em um dado momento, lembrei-me de lhe mostrar a canção que tínhamos aprendido na sala de aula. Encostada na cristaleira de imbuia, entre a sala e a cozinha, sem avisá-la, abri a garganta com gosto, e iniciei: *não há, ó gente, ó não luar como este do sertão...*¹

A mãe lavava pratos e talheres na bacia sobre o rabo do fogão de lenha. Apanhada pela surpresa, parou com a atividade, secou as mãos no avental e veio devagar até o centro da cozinha. De pé, os braços dobrados à frente do corpo, as mãos segurando uma na outra — em um de seus gestos característicos — ali ficou por uns minutos, entre embevecida e maravilhada, os olhos atravessando-me, fixos nas lembranças. Terminei a cantoria um pouco envergonhada. “Bateu-me uma saudade enorme do Sertão, agora, ao ouvir você cantar essa música, Clarissa!” — disse-me, um brilho no olhar, o riso contido e a voz engasgada. Sorri timidamente e perguntei-lhe: — gostou então, mãe?

Alice, sete anos e meio, eu, um ano mais nova, nosso pai matriculou-nos no primeiro ano do “Primário” — correspondente hoje ao Ensino Fundamental I — no Grupo Escolar de Guapiara. Antes dos sete anos de idade, exigia-se justificativa para a solicitação da matrícula da criança. O argumento apresentado foi o de que eu seria companhia necessária a Alice, uma vez que morávamos no sítio a quatro quilômetros de caminhada. A diretora consentiu, com o trato de que se eu não acompanhasse o ritmo das aulas, ficaria retida no final do ano e teria de refazer a primeira série no ano seguinte. Eram tempos em que não se acreditava no poder de aprendizado de alguém com menos de sete.

A mãe comprou dois cortes de tecido e mandou confeccionar nossos vestidos na costureira de sua confiança, no caminho dos Buenos. Prontos, os vestidos pareciam balões dançando em volta do corpo; de tão grandes, cabiam duas em um. Diante de nossa reclamação, nos foi explicado: naquela fase crescíamos rápido. Assim poderíamos usá-los por bem mais tempo em eventos festivos e missas domingueiras, depois que recebêssemos os uniformes completos da “Caixinha”. A Caixinha supria os alunos financeiramente carentes em alguns materiais básicos no início do ano, entre estes, um caderno brochura de cinquenta folhas, um lápis preto, uma borracha, a cartilha, o uniforme e uma porção de sopa em um dos intervalos diários. A sopa era bem-vinda, quando nela não boiavam larvas de carunchos do macarrão; nesse caso eu devolvia o prato dizendo que estava com ânsia (tinha que ter um bom argumento), e a merendeira retornava

o conteúdo ao panelão. Os alunos não inscritos na Caixinha, ou pagavam pela sopa, ou levavam de casa um lanche ou algo que o valesse. Nosso pai comprou-nos as sandálias de solas de pneu e tiras largas de couro bovino, também imensas. Bem maiores que nossos pés, com a mesma intenção de que as usássemos por bastante tempo, o que nos aborreceu em muito. Não era a primeira vez que o calçado se deteriorava pelo uso, antes de servir corretamente. As tiras desprendiam-se e o pai fixava-as com pregos. Os pregos atravessavam o solado de borracha e suas pontas feriam nossos pés, dificultando a caminhada. O sofrimento antecipava o pagamento dos pecados da vida toda.

Naquele primeiro dia, o pai levou-nos e enquanto nos esperava, ficou a fazer arranjos e a prostrar com amigos e conhecidos na “Capela”. Assim se referia a Guapiara. Antes de sair, punha o chapéu na cabeça e nos comunicava: “vou à Capela”. Segundo minha mãe, a cidade levava o apelido de Capela, por ter, nos seus tempos iniciais, uma igreja de São José na entrada, no alto da rua de mesmo nome, sempre aberta a quem quisesse ter seu momento de oração. “De primeiro era uma capelinha de pau a pique coberta com folhas de palmeira”, ouvimos de nossa mãe. A capela fora construída em homenagem a São José, quando da fundação da cidade, ainda na qualidade de povoado, em 1872². Embora a capelinha não existisse mais na bifurcação da rua São José, lá em cima, arraigou-me na mente a impressão de que a conheci; de que sempre a via ao passar por ali, tão real a narrativa de minha mãe.

A sineta do meio-dia anunciou o final da aula. Saímos pelo portal e da calçada estendemos os olhos que, tímidos, começavam a explorar o mundo, como pássaros livres da gaiola sem saber o que fazer na vastidão do horizonte. O pai estava de pé, sob a sombra dos ciprestes beirando o gradil. Com um quase sorriso a entortar-lhe o canto direito da boca, perguntou-nos se havíamos gostado, o que acháramos de tudo. Assentimos positivamente, e, uma de cada lado, seguimos tagarelando e pulando ao seu redor. O sol fulgurante do verão não nos abateu, tamanha a alegria por adentrarmos um mundo novo. Em casa, aguardava-nos a mãe com a panela de feijão fumegando sobre o fogão, a couve-flor refogada e uma saborosa omelete de ovos com farinha de milho e cebolinha. Ela fazia omelete para “render”, se não havia ovos em quantidade suficiente para fritar um por pessoa. Em acompanhamento, a limonada de limão-rosa do pé carregadinho defronte a casa. A comida toda era um bálsamo a aquecer o estômago e a alma. Representava o calor da família, o sabor da volta a casa.

As lembranças do sertão iam vivas na alma de minha mãe: do sertão, no qual vivera por poucos anos — poucos, mas de uma intensidade sem medidas — e de onde saíra, definitivamente, fazia não mais que seis anos. Aqueles seis anos, na minha pequenez, representavam uma eternidade. Continuei ali, terminada a canção, olhando-a, meus olhos vendo além de sua figura ereta — um pouco constrangida — parada na minha frente. Vendo o seu passado: a sua meninice no distrito de Coronel Goulart, município de Presidente Prudente,

onde nasceu e viveu até os doze anos com a família. A mudança ao bairro dos Buenos em Guapiara, após a morte de seu pai; e a vida no sertão de Ribeirão Vermelho, divisa entre Guapiara e Iporanga, depois de casada, e onde nasceu Alice.

Naquele momento, vieram-me à tona os produtos de minha constante observação, desde que me “conheci por gente”, como ela dizia.

Minha mãe trazia no sangue a mistura de português de seu pai Bento de Alcântara, e de espanhol e indígena de sua mãe Luísa Castilhos. Forte e decidida, soube, desde menina, encarar serena os revezes da caminhada. Inteiramente avessa à preguiça, jogava-se no trabalho exaustivo da madrugada ao cerrar do crepúsculo e noite adentro se necessário. Os braços grossos musculosos e as mãos largas e calejadas denunciavam anos de enfrentamento de cabos de foice, enxada e machado. À colheita do milho ou do feijão, na falta de um animal de carga, transportava ao paiol as sacas cheias, boca com boca amarradas, sobre os ombros. E assim armazenava toda a produção de grãos, a provisão da família e dos animais para os próximos intervalos da safra.

Seu primeiro trabalho foi ajudando seu pai na venda em Coronel Goulart. As histórias sobre o meu avô Bento cercavam-se de mistérios e fascínio. Por volta de 1930 eram comuns as grilagens de terras. Os grileiros expandiam as propriedades de maneira desleal e violenta, exterminando ou expulsando os verdadeiros donos e suas famílias e se apossando dos bens. Meu avô, por possuir o sítio onde tocava a venda, era alvo da cobiça de fazendeiros vizinhos que o

perseguiam e lhe armavam emboscadas com a intenção de matá-lo e tomar conta de tudo. Precavido, antes de sair a cavalo, fazia uma oração que acreditava protegê-lo e torná-lo invisível aos inimigos. E, fé ou coincidência, por algum motivo ou distração, estes o esperavam armados de tocaia nos barrancos ou embarafustados em moitas e galhadas e não o viam passar.

Na venda podia ser encontrado quase tudo: fumo em corda, artefatos para a lavoura e montaria, gêneros alimentícios, bebidas e tecidos em peça. Minha mãe, embora comprometida com o trabalho, também fazia suas “artes”, em menina; talvez de modo inocente, talvez sem pensar na severidade do ato. Recordo-a contando — com o peculiar sorriso recatado — que, raro, ao ficar sozinha na venda, pegava, na surdina, uma garrafinha de *guaraná* e guardava-a no quarto, para mais tarde desfrutar do refrescante sabor, até a última gota. Ao ouvi-la, senti-me no direito de censurá-la: — por que não pedia o refrigerante a seu pai? — Ele não daria, cainho como era — retorquiu com singela malícia.

Não frequentara escola. Não se encontrava um estabelecimento de ensino em um raio de mais de quinze quilômetros de onde estavam. Seu pai “contratou”, por alguns dias, uma moça que por lá andou e se apresentava como professora. Assim, minha mãe, aos nove anos, aprendeu o alfabeto completo e noções de como unir consoantes a vogais. Foi o suficiente para mergulhar no mundo da leitura. Matemática básica, a escola era a venda. “Não saber ler é viver em eterna escuridão”, dizia orgulhosa.

Os tratamentos contra quaisquer tipos de males do corpo eram primitivos e rudimentares: curandeiros, benzedeadas, simpatias, ervas para constipação (gripes, resfriados), e fezes de cachorro. Isso mesmo, chá de excremento de cachorro para curar sarampo! Eu fui testemunha do tratamento exótico dispensado a Alice e à segunda irmã. Minha mãe dizia que era um “santo remédio” e meu pai não a contradizia diante da excêntrica medida. Mesmo tendo nascido e crescido na Capital, acreditava que chás e simpatias adotados no interior, se não fizessem bem, mal é que não fariam. Nada lhe causava estranhamento.

Minha mãe, quando criança, tinha uma irmã um ano mais nova, que aos seis anos caiu doente atacada por vermes — supostas lombrigas. Diante do mal que a abatia de modo visível, seu pai foi em busca de um curandeiro. Algumas horas mais tarde, voltou acompanhado de um homem vestindo paletó preto, com o aspecto de quem se julgava saber muito. O curandeiro apeou do cavalo e entrou na casa, pomposo, pescoço enterrado nos ombros, queixo levantado, bigode comprido enrolado para cima; na mão direita a maletinha de couro lotada de toda sorte de ervas medicinais. Seguiu minha avó até o quarto, e, mal deitou os olhos na menina largada no fundo da cama prescreveu, de pronto, dois litros de uma “garrafada” a ser tomada em dose única. “Garanto o tratamento. É tirar com a mão!” — afirmou.

Foi à cozinha, pôs água em uma panela sobre o fogo, esperou ferver, deitou dentro pequenas porções de ervas variadas, desligou o fogo e tampou a vasilha. Poção morna, transferiu-a

para uma jarra e fez sinal a meu avô que o acompanhasse. No quarto, orientou-o: “segure-a, firmemente, com a boca aberta e cuide em lhe tampar o nariz para evitar o desperdício do remédio”. Vendo que as mãozinhas se agitavam, o homem segurou-as juntas com uma das mãos e com a outra, ininterruptamente, foi despejando o líquido goela abaixo da menina, impedindo-a de respirar. Terminado o processo, solta no colo de seu pai, a cabeça despencou molemente de um lado sobre o peito. O curandeiro verificou seu pulso, procurou sentir a respiração, e, sem piedade, comunicou: “não há mais nada a fazer, está morta”. Pegou a maletinha e retirou-se, menos cerimonioso do que na chegada. Meu avô, incrédulo, chorava e gritava e assoprava e sacudia a menininha, girando em volta dos próprios pés, desnortado. Minha avó assistia a tudo, sem uma palavra, de pé, na porta do quarto, catatônica. Devastado pela culpa da perda, aquele pai foi tomado pelo desespero. Por noites seguidas, depois que se recolhiam, avó Luísa ouvia seu choro copioso, horas a fio. Restava-lhe pegar o terço e rezar baixinho, até percebê-lo dormindo.

Algumas noites depois da tragédia, mergulhou em um breve sono e sonhou com a filha, que em vestes esvoaçantes de um azul claríssimo, dentro de uma réstia de luz branca, aproximou-se e tocou-lhe o rosto com a mãozinha direita: “papai, não chore assim” — pediu baixinho. “Minhas asas de anjo estão encharcadas com suas lágrimas e pesam muito. Não consigo voar ao céu. Por favor, pare de chorar, preciso achar meu caminho”. Ele abriu os olhos com a clara impressão de que não sonhara. Uma onda de saudade inundou-lhe.

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Utopia Std pela
Editora Penalux e impresso em papel off-
white 80 g/m², em setembro de 2022.
